

AFINAL, CADÊ A HISTÓRIA?: REFLEXÕES SOBRE A LEITURA, A INTERPRETAÇÃO E A ESCRITA NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE HISTÓRIA*

Joyce Mota Rodrigues**

Universidade Estadual Vale do Acaraú – joycymotta@yahoo.com.br

A presente pesquisa tem como proposta analisar o processo de construção de monografias dos alunos do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; no segundo momento, compreender como se dá a socialização dessas pesquisas. Para tanto, tenho procurado situar a importância da leitura como fio condutor para que a interpretação obtenha uma reflexão mais profunda e crítica de maneira a auxiliar na produção historiográfica que esses alunos precisam desenvolver no decorrer da graduação. Para realização de tal tarefa, tornou-se fundamental a crítica sobre a realidade do ensino e suas conexões com a pesquisa, bem como as contradições entre a universidade e a prática de ensino tendo em vista a dificuldade em articular a teoria e a prática.

Essas questões foram sendo formuladas a partir de outras problemáticas em torno de reflexões sobre a viabilidade do trabalho de pesquisa em História com a utilização de documentos orais, ou seja, as dificuldades em utilizá-las e a forma como aparecem nas monografias dos alunos do curso de História da UVA passando por minuciosas análises¹.

Toda pesquisa pressupõe um interesse, seja ele individual ou coletivo. Particularmente, reflito e problematizo sobre o lugar social no qual me encontro. Devemos discutir os compromissos assumidos com o presente para explicitar posições e valores no qual acreditamos ser o mais coerente e, como acadêmica do Curso de História da UVA, vejo-me inquieta diante de indagações pertinentes de alguns colegas a respeito do pensar e do fazer histórico: “Para que estudar a teoria? Como aplicá-la se quando partir para a prática da sala de aula esses conceitos tornar-se-ão quase que ideológicos? Qual é esse desejo de transformação que tanto se reivindica se os livros didáticos continuam a abordar pessoas, datas e fatos sem uma maior contextualização, ou melhor, sem um compromisso com a crítica social? Que identidade é essa que se busca e não se vê? Como incentivar-nos a pesquisar se nos falta tempo, dinheiro e apoio? Se não existe verdade absoluta como posso dar credibilidade ao que falo e escrevo?”.

Para fundamentar tais questões, torna-se necessário um rico diálogo com autores na área de História que tratam dessas problemáticas com dedicação e responsabilidade

sobre o lugar que nós historiadores ocupamos. Como produzimos? Para quem produzimos? Como difundimos o nosso saber de maneira a contribuir com a melhora da nossa educação? Cerco-me de autores que trabalham com a perspectiva da História Social que tem como fio condutor “ampliar o mapa do conhecimento histórico e legitimar novas áreas para investigação”.²

O primeiro ponto que gostaria de abordar antes mesmo em se falar da importância da leitura e da escrita, é o conceito de verdade que tanto se busca na academia, em nossas pesquisas e em sala de aula. A questão que quero salientar não é qual verdade prevalecerá ou qual é a mais válida; pois o que entra em debate nesse momento é a interpretação. Interpretação entendida como análise sobre o que está nas entrelinhas do discurso dito como verdadeiro. Portanto, devemos definir que perspectiva seguimos, em qual linha de pesquisa estamos inseridos, e quais autores elegemos para dialogar e contrapor nossas interpretações.

Um princípio básico que deve ser estabelecido no momento de junção das idéias, e em seguida, a escrita, é o fato de não confundir informação com conceito. Deixe-me ser mais clara e objetiva: no momento que se define o objeto de pesquisa, procura-se o maior número de fontes para que, em seguida se delimite o recorte temporal / espacial e a temática específica. O que acontece é que, em alguns casos, mesmo os alunos conhecendo as obras e os conceitos dos autores, eles passam a utilizá-los sem a sua devida interpretação, ou melhor, sem a reflexão crítica do próprio aluno-pesquisador. Sobre isto, Maria do Pilar Vieira, Maria do Rosário Peixoto e Yara Khoury trazem a seguinte reflexão acerca da problematização da experiência humana:

Se problematizada apenas a partir da bibliografia e da reflexão teórica perde sua força de ação e questionamento, pois os vários sujeitos do passado envolvidos naquela questão não são ouvidos ou levados em conta, uma vez que os saberes produzidos no próprio embate são ignorados. A problemática deve surgir de uma relação íntima entre o sujeito que pesquisa e o objeto pesquisado...³

Nesse momento, busca-se de imediato, preencher essa lacuna com o maior número de informações, seja em revistas, filmes, documentários, entrevistas orais, documentos impressos, fotografias, pinturas e, muitas vezes, isso ocorre não no sentido de ampliar a documentação histórica e sim para dar importância e credibilidade ao tema que se

escolheu para pesquisar. É importante ressaltar que todo tema a ser trabalhado possui a sua relevância e sua coerência se devidamente trabalhado.

A ampliação de documentação histórica perpassa pela constante construção e reconstrução da produção do conhecimento no sentido de se estabelecer um relacionamento crítico e reflexivo com o objeto de estudo. Sobre isso, Déa Fenelon nos ensina que:

Certamente é preciso considerar que o uso de todos esses registros como 'novas fontes' históricas a serem analisadas nos colocam, de imediato, a consideração de que tal como as fontes textuais, essas precisam ser desvendadas para delas extrair o não dito, as entrelinhas e aquilo que potencialmente permite olhares e leituras diversas.⁴

Ao se compreender a importância de se problematizar as fontes e saber compreender suas peculiaridades, nos deparamos com a angústia de alguns alunos em relacionar a teoria e a prática. Percebe-se isso quando o aluno está em seu trabalho de campo e não consegue relacionar os conceitos apreendidos na universidade com as informações que ele vai encontrando durante o processo de sua pesquisa, quando deve explicitar teoricamente seu objeto de estudo. Isso passa a interferir no momento da reflexão crítica do próprio trabalho, muitas vezes demonstrando a carência de um aprofundamento maior no que diz respeito a auto-crítica, a autonomia de pensar a compreensão dos autores e a interpretação que fazemos entre os conceitos e a nossa compreensão do objeto de estudo.

As monografias tornam-se, para os alunos, algo misterioso, enigmático e inalcançável até o seu trabalho final. O que tem tornado extremamente necessário nos tempos atuais é provocar nesses alunos, pesquisadores de “primeira viagem”, maiores reflexões acerca do trabalho do historiador, sua responsabilidade e contribuição para a sociedade. No entanto, a realidade mostra-se mais remota com relação a esse tipo de discurso tornando-o até mesmo demagogo quando nos deparamos com a realidade e os seus desestímulos, como os baixos salários dos professores, a carga horária excessiva, o não reconhecimento do profissional enquanto historiador.

Mas essas problemáticas poderão ser abordadas em outro momento, pois aqui pretendo deter-me em uma questão que, para mim, tornou-se urgente. Refiro-me ao fato das nossas pesquisas monográficas encontrarem-se empilhadas

em estantes, acumulado de informações e trabalho feito pelos alunos-pesquisadores ampliando-se a cada semestre, sem passar por um trabalho maior de divulgação dessas pesquisas dentro da própria universidade.

Constantemente vemos citações de dissertações e teses em livros ou no próprio ambiente universitário. Isso acontece porque talvez seja fruto de uma maior credibilidade. O que estou querendo questionar é a importância que os professores dão as nossas monografias, no momento de dar referências para os próprios alunos na universidade que se encontram no processo de formação da pesquisa. Percebo isso no momento da socialização desse conhecimento que se encontra num campo fechado da academia, ou seja, apenas para aqueles alunos que pretendem pesquisar um tema já trabalhado com outras perspectivas recorrendo ao trabalho de seus antigos colegas. Essa deficiente socialização aparece também em perspectiva ampla a respeito da sociedade que nos interessamos em pesquisar: qual trabalho de contribuição? De que forma é construída uma identidade dessas pessoas ou os documentos dessa sociedade? É só a pesquisa em si, tratada como um trabalho final do curso?

Déa Fenelon vem dar a sua contribuição intelectual na seguinte constatação quando escreve sobre a formação do historiador

...e assim a ciência que se produz neste espaço social está circunscrita a ele, começa e acaba nele, produzida, consumida e criticada, revista e analisada dentro de um círculo cada vez mais fechado que lhe determina o permitido e o interdito. O historiador se julga distanciado do social concretizando assim a distorção entre o fazer e o escrever História.⁵

A autora problematiza a questão de se formar profissionais de História que serão reprodutores desse conhecimento e que não aprendem a aprofundar e a refletir historicamente. Enfatiza o que abordei inicialmente sobre a imensa dificuldade do aluno em relacionar os conceitos aprendidos com o seu objeto de estudo para a realização de sua pesquisa de campo.

Diante desse processo de formação acadêmica, o aluno sente-se impactado ao enfrentar o trabalho com todos os seus desafios e complexidades, quando passa a considerar que precisará adequar-se à realidade da sala de aula, a uma didática, com livros indicados e planos de ensino prontos. Perguntas surgem: qual história ensinar? A história que aprendi e me foi transmitida na universidade como campo

de possibilidades, diversidade de documentos? Afinal, cadê a história? A história que está em nós, como sujeitos ativos e como identificados nos movimentos históricos? Como e para onde vai a história? A história que pesquisei é a mesma que aparece nos livros didáticos e que está em todos os lugares, nas pessoas, nos sentimentos? Estamos compreendendo o sentido da produção do saber ou apenas transmitindo e transcrevendo meras informações?

Precisamos atentar para o fato de que problemáticas como essas existem e que talvez ainda permaneçam por algum tempo. No entanto, devemos ter a consciência de que estamos avançando e de que a maneira como conhecemos a história em nosso ensino básico, não deve ser a mesma trabalhada nos dias atuais. O que diferencia é a maneira como a abordamos, isso não requer pouco trabalho e resultados rápidos. Pelo contrário, a tomada de consciência é dolorosa, muitas vezes cansativa, o que se buscará todavia é a ruptura dos conceitos cristalizados pela historiografia, com sua erudita sacralização, de modo a proporcionar um outro olhar, uma outra perspectiva. O questionamento de abordagens distintas deve ser um exercício no qual a reflexão crítica será ativada e, conseqüentemente enriquecida com essa visão amadurecida sobre o que é, como, onde e porque se faz História.

Ao enfrentar o obstáculo de refletir historicamente e, partir para a prática da pesquisa, vem o momento da interpretação. Nesse ponto, muitas dúvidas foram esclarecidas, outras tornaram-se mais solidificadas, outras nasceram dessas constatações. Pensar um conceito, um pensamento de um autor, é deparar-se com um conjunto de interpretações. O trabalho de campo é tomado como um conjunto de desafios e incógnitas que decorrem do nosso constante diálogo e contraposições no que diz respeito as formulações feitas pelos autores que elegemos.

O exercício agora é buscar perceber nos documentos, sejam eles visuais, orais ou escritos, a nossa interpretação diante da nossa bagagem intelectual e as nossas próprias críticas e constatações. Essa prática irá consolidar-se na escrita, nesse caso, nas monografias.

Então o processo percorrido é como uma cadeia cíclica, mas não no sentido fechado, mas todos os momentos abertos e precisando das outras – leitura, interpretação e escrita – e, ao definir as colocações desejadas, vem o trabalho de releitura do próprio trabalho junto com o amadurecimento e interpretações mais claros diante do trabalho final.

Em alguns casos, a interpretação, a leitura e a escrita sofrem um processo de reformulação quando o tema que foi

trabalhado torna-se um projeto de pós-graduação. Aí o exercício de refletir historicamente recai sobre a nossa própria produção, visto que muitas lacunas ficaram no trabalho de graduação, ou pelo recorte ou pelo amadurecimento. Um novo conjunto de leituras – agora mais vasto – é preciso, e a escrita torna-se mais rigorosa, com um novo caminho a ser trilhado pelo pesquisador quando resolve trabalhar outras problemáticas, visto que um tema de pesquisa nunca é esgotado por completo. A interpretação nasce de relações que vamos estabelecendo entre um conceito e outro, como também, com a realidade estudada. A crítica nasce desses embates e desses encontros.

Referência Bibliográfica

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História social: historiografia e pesquisa. *Projeto História*. São Paulo, nº10, p. 73 – 90, dez 1993.

FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de história e a realidade do ensino. Conferência pronunciada no XI Simpósio Nacional da ANPUH, João Pessoa, julho de 1981
VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Yara Maria Aun Khoury. *A Pesquisa em História*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991, p 34.

NOTAS

* Pesquisa orientada pela Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú– UVA

** Acadêmica do 5º período do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú e bolsista da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP

¹ Pesquisa publicada no I Encontro Regional sobre Formação e Práticas Docentes, realizado na Universidade Estadual do Ceará – UECE, dez/2005 organizado pelo Mestrado em Educação e, nos anais do 5º Encontro de História Oral, realizado na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, set/2005 entitulado: “ A memória reconstituída através da pesquisa e a responsabilidade do historiador”. Ver também “ Em busca de novos registros: relexões sobre o uso da documentação oral na pesquisa de campo em História” publicado no XXV ENEH (Encontro Nacional de Estudantes de História) na Universidade Federal de Sergipe– UFS, set/out 2005.

² FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História social: historiografia e pesquisa. Projeto História. São Paulo, nº10, p. 73-90, dez 1993.

³ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Yara Maria Aun Houry. A Pesquisa em História. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991, p 34.

⁴ FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História social: historiografia e pesquisa. Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 73-90, dez 1993.

⁵ FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de história e a realidade do ensino. Conferência pronunciada no XI Simpósio Nacional da ANPUH, João Pessoa, julho de 1981.

